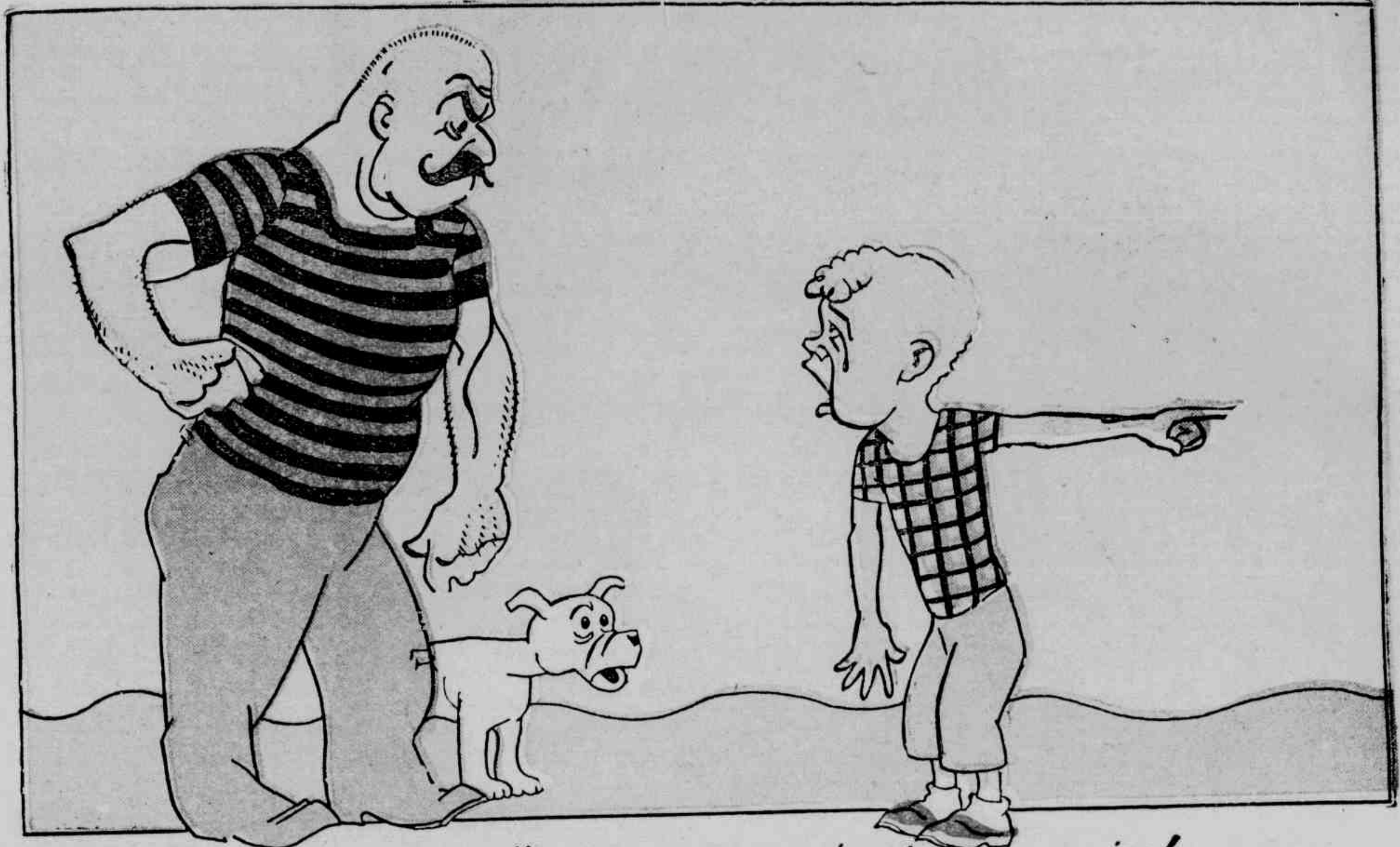
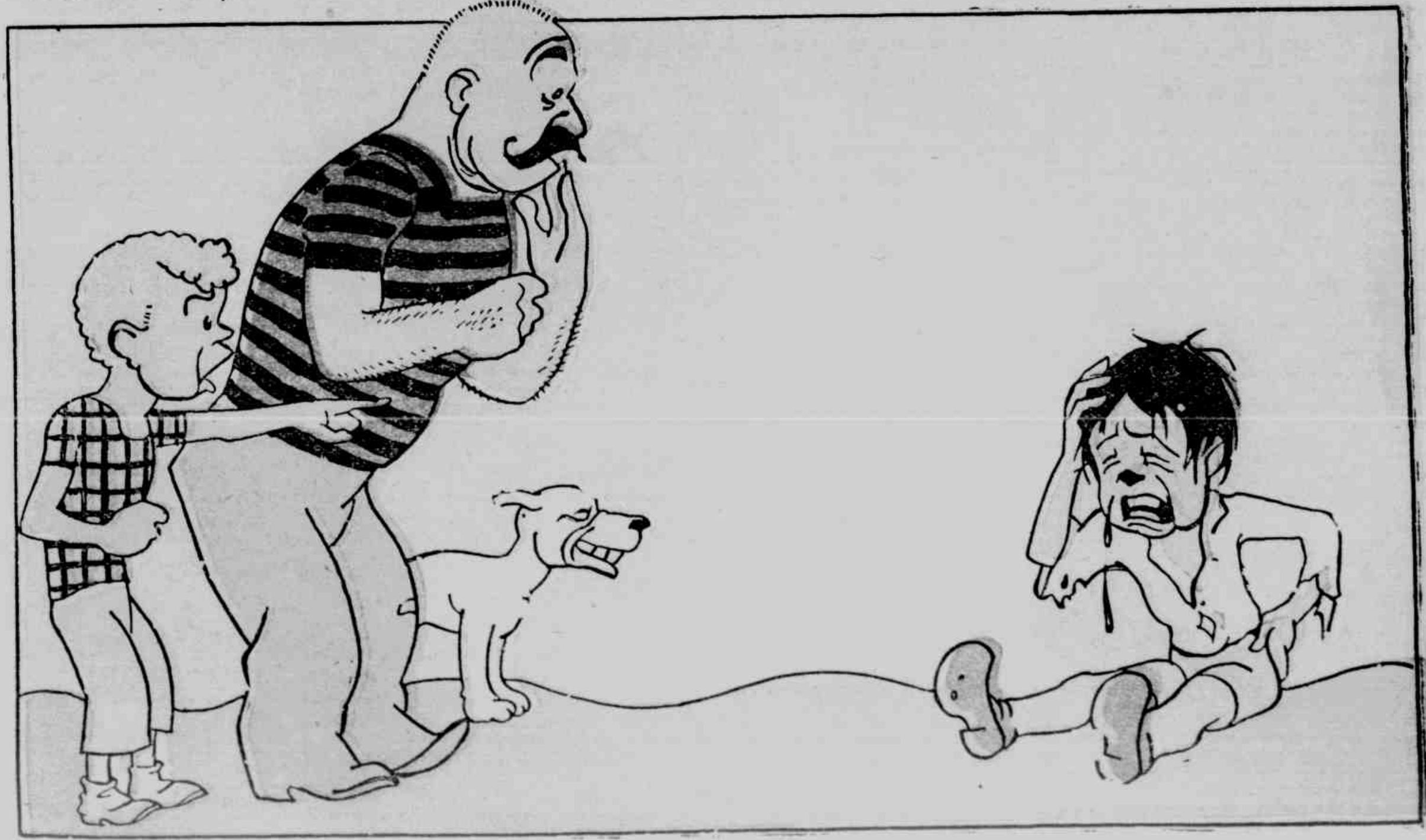


Foi aquelle!



*- Papae! Eu ia passando naquella rua e um merino brigou commiao!...
- Vamos lá que eu darei uma lição nesse valente!*



- Oh, velli papae! Foi aquelle!

327

Os prisioneiros dos Gnomos

(Novella infantil de Irmã Siciliana)

— I —

O "CASAMENTO DA RAPOSA"

Loiros, desse loiro magnifico que veste as espigas quando a colheita começa, ambos fortes e bellos, Allan e Mamie, os filhinhos do famoso chimico Joel Peter, bem poderiam ser apresentados por seu pae, aquelles que lhe indagassem de sua fortuna, com a mesmíssima phrase da patricia romana: "São as joias que tenho..."

Eram duas joias realmente; ao lado de Mamie, suave como uma perola, Allan bem poderia ser comparado a um diamante raro, em cuja lapidação o melhor artista teria de gastar mais algum tempo ainda...

Mas, que contraste entre aquelles seres ainda não sahidos do casulo da infancia! Emquanto Allan, com seus dez annos de idade, trazia estampada em sua physionomia a preocupação de mil e um deveres e obrigações exigidos por seu pae, Mamie, dois annos mais velha, era a propria poesia a encher de graça e de encanto, o lar silencioso dos Peter.

E que pasmosa contradicção entre a alma sonhadora e alegre de Mamie e a sisedez profunda de seu pae, aquella a quem a Providencia confiara, a elle somente, a educação de seus filhos!...

Todavia, tempos houve naquella casa, que tal opposição não existia: era quando Maria Angelica, a sua saudosa esposa, vivia, enchendo-lhe o coração, a sua vida e o mundo pequenino que florescia entre aquellas paredes, de uma felicidade que dizem somente haver nas historias de fadas...

Morta Maria Angelica, Peter se encontrou, de repente, sozinho. A desolação apoderou-se-lhe d'alma. Os proprios filhinhos perderam aquelle ar de encantamento com que lhes apparecia aos olhos. Passaram a ser, apenas, dois entes carecidos de uma educação capaz de lhes abrir as portas da vida. Nada mais.

E, assim, o moço engenheiro, amargurado pela saudade, insensivelmente se abysmou na realidade das coisas, não mais acreditando em tudo aquillo que não se achasse palpavelmente dentro do mais concreto materialismo da vida...

Era um homem infeliz; a sua desventura fazia-nos lembrar o desencantado polca de Machado de Assis, o qual, por querer desvendar os mysterios da vida, para sempre perdeu a sua mosca azul...

Assim é que, mal acabada a refeição, Peter correu á sua sala de estudos, muito embora aquelle dia fosse um domingo, o dia reservado pelo Senhor para descanso dos homens.

Mamie, que possuia em seu irmão o maior amigo, muito embora a educação, que lhes era ministrada, os fizesse aparentemente tão diversos, correu ao encontro de Allan, dizendo-lhe:

— Lá fóra está tão lindo o dia!... Vamos para o jardim... Colheremos flores para os jarros, arranjaremos os canteiros e daremos uma caça terrivel ás formigas que vivem a perseguir a minha roseira...

— Não, mana; papae gosta mais que eu estude...

— Mas, hoje é domingo, Allan!

Nesse momento, Peter se aproxima:

— O domingo é um dia sem significação para aquelles que querem vencer, minha filha. Quando um homem quer ser rico, mas muito rico, para que um dia possa dizer "Eu tenho o mundo em minha mão!", esse homem não pôde perder um minuto de sua existencia a colher flores e a podar roseiras...

Dois lagrimas rolaram pelas faces da pobre menina.

— Deus não ampara os gananciosos, papae!

— Mas, o mundo protege os que trabalham, os que luctam, dia e noite, minha filha. E eu quero que Allan seja um homem. Eu, na sua idade, já o era...

E, depois, procurando minorar o effeito de suas palavras:

— Veja! Veja! Você, com essa cara de chôro, está fazendo o dia transformar-se! Nos gelos da vidraça, pingos de prata começavam a cahir, espaçadamente.

— Está vendo, papae, — disse Mamie, fazendo um esforço inaudito para não chorar; isso é castigo de Deus, porque o senhor disse coisas que não devia dizer! E tanto é castigo que, embora esteja chovendo, o sol continu'a a brilhar no céu!

— Não é castigo, tolinha; isso é um meteoró como outro qualquer. Em vez de você andar "com os dentes no coradouro", sempre a sorrir e a crêr em bobagens, seria melhor estudar para não julgar que phenomenos atmosfericos são castigos de Deus... Isso, sim!

Nesse instante, vinha da rua uma esnuada ensurdecedora. Mamie correu á janella e viu que eram os seus vizinhos



que saltavam no jardim cheias da mais viva alegria. O panorama que então se desenrolou a seus olhos a seus olhos a deixou deslumbrada: um raio de sol, muito doirado, illuminava todo aquelle recanto florido de sua rua modesta, emquanto, para além, as outras casas se mergulhavam numa leve penumbra; e, através daquelle jacto luminoso, o chuvisqueiro a cahir, á semelhança de uma chuva de pedras preciosas... — Mamie não se conteve; correu a reunir-se aquellas creaturinhas de almas alegres como a sua, e que continuavam a gritar:

— O casamento da raposa! O casamento da raposa!

Allan, que já tinha o espirito embebido daquelle scepticismo que envolvia o caracter de seu pae, disse, olhando desinteressadamente para a rua:

— Chuva com sol, para essa gente boba, é casamento de raposa! Como o povo é ignorante, não papae?

— Sim; mas, não te esqueças, Allan, que o "folklore" é também uma sciencia. Você ainda não pôde comprehender a pureza de sentimentos que ha nesse conjunto de tradições e de lendas, de creanças, de cantos e de proverbios a que se dá o nome de "folklore", ou sciencia do povo. Depois, é necessario que se saiba que é pelo "folklore" que se estudam as origens do pensamento, do caracter de um povo, suas tendencias e sua evolução, desde quando a sua alma se achava no periodo primevo de sua formação. O que a sua irmãzinha está alli fazendo, festejando o casamento da raposa, — quem sabe —, ha centenas de annos os nossos antepassados já o faziam... Affirma-se, por exemplo, que os indios, uma das raças formadoras do povo brasileiro, eram tristes; na verdade, porém, tudo para elles era motivo para uma festa, até mesmo a morte de um chefe querido, e, assim, o "casamento da raposa", pelo spectaculo interessante que apresenta, não podia deixar de figurar entre os mais justos motivos.

— II —

O "ARCO DA ALLIANÇA"

Como uma clarinada vibrante, Mamie entrou na sala.

— Venha ver que lindo "arco-iris", papae!

E, levando-o pela mão, correu ao meio do jardim. Em pleno azul, como naquelle dia em que o Senhor se reconciliou com os homens, razão pela qual o bello phenomeno é tradicionalmente conhecido como sendo o "arco da alliança", lá estava o magnifico arco-iris, descrevendo uma curva perfeita, tão perfeita como si fóra traçada por um compasso, que, tendo uma das pontas apoiadas na terra, tivesse a outra a girar maravilhas no céu!

— Que bello, não papae? E o Allan não acha graça numa coisa tão linda! Eu só queria saber quem faz os arco-

quelle incomparavel spectaculo da natureza.

— III —

ARREBATADOS!

— Lembra-te da historia da vovó, Mamie?

— Si me lembro! A vovó, sim, que sabia como foi que a raposa se casou e sabia narrar as maravilhas do mundo que fica por detraz dos arco-iris... Ella contava que o menino que conseguir passar por baixo do arco celeste, de repente se encontrará em um mundo extraordinario, onde vivem as princezas encantadas, as fadas do bem e os anõesinhos de capuz vermelho...

— E si nós fossemos correndo, correndo, até lá?...

— Que bom seria, não?

E, numa disparada doida, os dois sahiram rua em fóra a correr, olhos fitos no céu, emquanto, á medida que avançavam, o arco luminoso fugia, fugia sempre diante de seus olhos...

Em breve, Peter notou-lhes a ausencia, e receoso de que alguma coisa lhes acontecesse, sahiu á sua procura. Um as creanças lhe informaram que seus filhinhos tinham ido para os lados do arco-iris, em cuja direcção era certo que corria um regato profundo que algumas vidas já roubára a jovens e inexperientes nadadores.

Emquanto isso, Allan e Mamie avançavam, agora por sobre a relva verde que cobre os campos dos arredores da cidade, não muito longe do riozinho de aguas limpidas e encachoeiradas. Por fim, puzeram-se a descansar, afim de mais afoitamente poder reenectar a tarefa aprazada.

Já iam adormecendo, quando o pae, também exausto, se approximou, dizendo-lhes:

— Meus filhinhos, quem já viu correr-se atraz do arco-iris?!... Só mesmo vocês poderiam pensar em tal coisa, vocês, os eternos evadidos da realidade!

Aconteceu, então, o que jamais fóra previsto: como em uma dessas scenas maravilhosas, só possíveis na imaginação de um prestidigitador chinês, as cores do arco da alliança começaram a distinguir-se uma das outras, e, instantes após, riscavam o céu sete semi-circulos imensos, cada qual de uma cor, e que se foram cada vez se abrindo como um leque! Emfim, os primeiros arcos tocaram a superficie da terra e, dentro em pouco, Peter e seus filhinhos se viram como que presos em uma armadilha resplendente, cujas talas fossem feitas de raios luminosos!

Era de ver-se aquelle spectaculo entontecedor! Preso naquella gaiola multicolorida, pela primeira vez na sua vida, o famoso chimico não soube dar uma explicação ao que via! Seus filhinhos, muito menos; fitavam, boquiabertos, as riscas de luz que os envolviam, como si assistissem a um fim de mundo...

(Continúa).

Tradução da
carta enigmatica
N.º 48

"Gente miuda.

Aqui estamos na fazenda, numa deliciosa temporada que me fez engordar 2 kilos.

A noite de Santo Antonio esteve formidavel, com balões, fogueiras, buscapés, desafio á viola por caipras, etc.

Regressaremos no fim do mez.

Abraços do primo

Pacifico Flores"

A RELAÇÃO

A relação geral dos acertadores começaremos a publicar na edição de hoje da "Gazeta".

— O pintor dessas verdadeiras obras de arte é a Natureza, minha filha, e si o espaço nublado é a tela, a luz é a materia prima de que lança a... a queda dos raios do sol sobre uma nuvem que reverte em chuva, provoca a refração e reflexão dos raios sobre as nuvens; daí se origina o majestoso spectaculo que vemos: um arco immenso estampado no céu e formado das sete cores do espectro solar: o róxo, o anilado, o azul, o verde, o amarello, o alaranjado e o vermelho.

— Ah! — disse Mamie, como que decepcionada; — pensei que fosse...

— Nada disso, minha filha. Trata-se de um "meteoró luminoso", como são as "auroras polares", a "luz zodiacal", os "halos", os "parhelios", o "paraseleno", a "miragem"... A physica os explica facilmente: a refração, ou melhor, o desvio da direcção de uma onda luminosa quando atravessa successivamente dois ou mais meios de densidade diferente, provoca a sua immediata reflexão, ou seja, a nova trajectoria que faz a mesma onda ao depois de incidir numa superficie reflectora.

— Oh! papae! Por que será que o senhor não se sempre explicar essas coisas tão bellas, com palavras tão frias!... Muito mais bonita é a explicação da historia sagrada:

"...para castigar a maldade dos homens, o Senhor fez chover quarenta dias e quarenta noites; a terra desapareceu sob o diluvio das aguas. Por aviso divino, somente Noé e os seus se salvaram, em uma arca, onde havia um casal de cada especie de animaes que vivia sobre a face do globo. Por fim, as aguas começaram a baixar e a arca ficou ancorada no alto do monte Ararat. Então, Noé soltou uma pombinha para ver si já podia descer. E quando, enfim, elle e todos os ripulantes da arca salvadora chegaram á terra, viram encantados, lá no alto do céu, um lindo arco-iris feito pelo Senhor, como signal de que, a partir daquelle instante, Deus se reconciliava com os homens..."

— E a historia que a vovó contava era também muito bonita! — disse Allan, interessando-se.

— Historias para creanças, meu filho, e você já é um rapazão!

E dando de hombros, Peter encaminhou-se á sala de estudos, deixando seus

O Corcunda da "QUEBRADA"



SEGUNDO CAPITULO



1) — Por uns momentos, os dois homens contemplaram a inanimada figura de Buck no fundo do precipício. "Silver" permanecia quieto, dando a impressão de ter quebrado a columna vertebral. Mas era preciso pôr em pratica um "truc" que seu amo lhe ensinara. "Não poderão sahir daqui" — disse o corcunda, no momento de afastar-se.



2) — Certo de que se haviam ido, Buck deu ao cavallo signal de levantar-se. Era preciso encontrar o modo de abandonar o buraco em que elle e "Silver" estavam mettidos. Mas logo encontrou a solução. Fez que seu fiel potro se sustentasse sobre as patas trazeiras, proporcionando-lhe uma escada para alcançar as bordas do poço.



3) — Buck viu-se a salvo. "Silver" devia seguir-o. Ordenando-lhe que dêsse um salto, preparou o laço e quando a cabeça do animal apparecia á borda, a corda sujeitou-o pelo pescoço. Por um momento a tentativa pareceu fracassar. O peso do animal precipitaria ambos ao fundo. Mas Buck se apoiou contra uma saliência e sustentou a carga.



4) — Por instantes ficou quieto, recuperando as forças perdidas. Mas pouco depois estava de novo a cavallo. Sabia que aquelles villões não eram homens capazes de ter escrúpulos. Assim sendo, era certo que não descansariam enquanto não o puzessem fóra de combate. Ao fim de um curto trajecto, encontrou-se com um letreiro que indicava a direcção da mina.



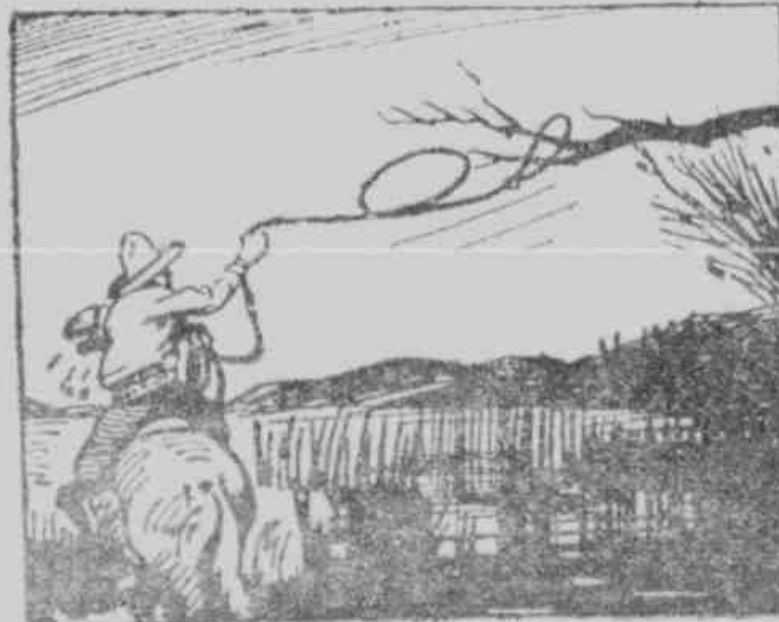
5) — Mas o que menos pensou foi que estava a ponto de cahir em uma nova armadilha que formava parte das emboscadas que o corcunda estendera na região para livrar-se de estranhos. De repente a terra perdeu sua firmeza. Buck notou, com espanto, que acabava de entrar em um brejo e que era provavel que o terreno tragasse o animal, fazendo-o desaparecer.



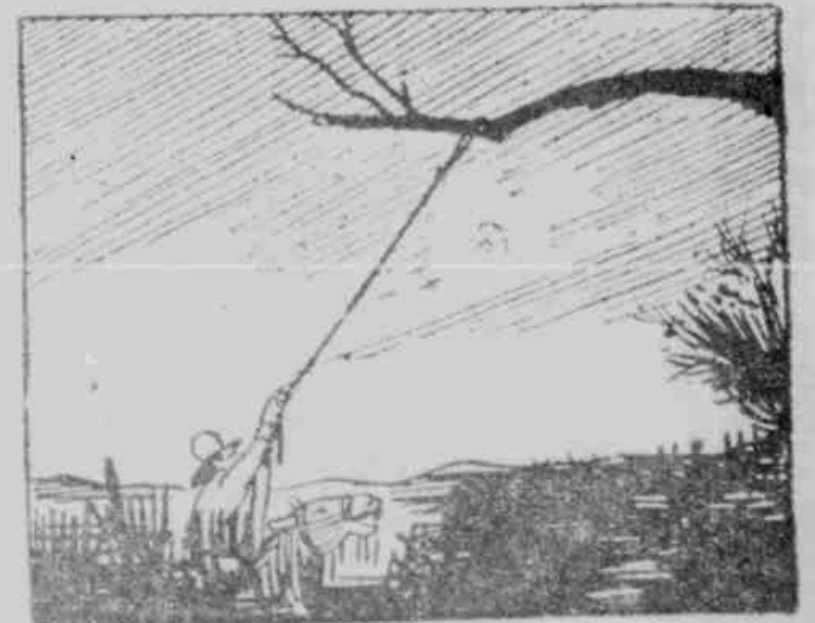
6) — "Silver", assim mesmo, tratou de voltar atraz, mas o barro impediu seus movimentos. "Socegue, Silver" — disse Buck, percebendo que o potro se ia espantando pouco a pouco. Luctar por sahir daquellas garras brandas e tenazes equivalia a apressar o fim. "Si pudes-se agarrar um galho..." — pensou Buck, ansioso. Procurou, com o olhar, uma...



7) — ...arvore e apanhou o laço que sempre levava no sellim. Podia levantar-se sem difficuldade, mas o explorador tambem pensava na salvacão de seu nobre e inseparavel "Silver". Eram, mais que amo e cavallo, dois companheiros que uns mais perizosa aventuras se haviam nelle desenvolvido. Com o pé direito, Buck fez que o animal saltasse e voltou

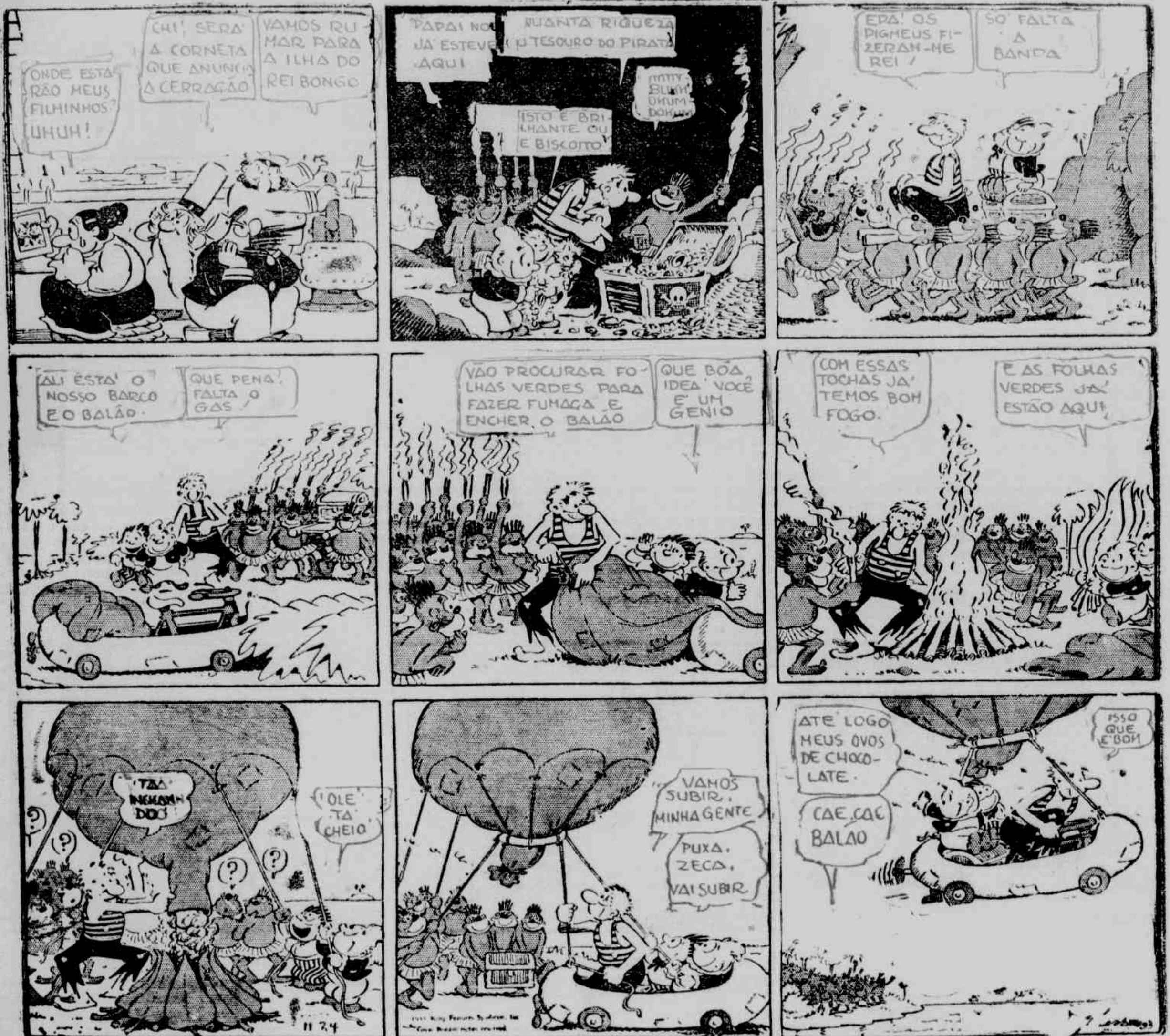


8) — "Quietto, Silver" — ordenou quando tomou a posição que convinha ao lançamento do laço. Devia obter exito na primeira tentativa. O fracasso representaria a morte. Não haveria tempo para tentativas a mais que o pantano de xarasse o cavallo. Com uma firme e "bravo" lançou o laço. A corda agarrando-se ao tronco do arvore sem abanar-se por um



9) — Mas o pantano proseguia sua obra e cavalgadura e cavalleiro desapareciam. Com violento esforço, Buck tratou de sahir alguns centimetros do barro e arrastar seu cavallo, sem lograr resultado. Somenta a cabeça de "Silver" apparecia sobre o tudo e o proprio Buck não tinha para fóra senão meio corpo. E o resto do animal estava perdido, morto o fim.

Os sobrinhos do capitão Fagulha



Bartyra



Bartyra, filhinha do sr. Henrique Dantas da Gama, que no próximo dia 3 completará 18 anos de idade. Felicitações da "GAZETINHA".

FIQUE SABENDO...

QUE...

o canto da araponga pôde ser ouvido a uma distancia de dez kilometros com o tempo sereno e em regiões de grande silencio. E' o mais longo e o mais estridente de todos os sons emitidos por aves e outros animais.

QUE...

os "quichuas", indios do Peru, dividem-se em seis tribus, de uma das quaes sahiram os Incas. Tinham atingido um notavel grau de civilização antes da chegada dos conquistadores hespanhóes. Architectos ergueram palacios e templos com esculpturas, produziram oradores, historiadores, poetas e musicos; conheciam o anno solar e o calendario, prestavam culto ao sol e consideravam os seus principes como filhos dessa divindade, acima da qual collocavam, entretanto, um deus supremo Pachacamac.

QUE...

só ha dois lugares no mundo que tem maior produção de mangarás do que São Paulo são a Polónia e a Hespanha.

QUE...

sómente na America do Sul são conhecidas mais de 6.500 especies de borboletas.

QUE...

os morcegos fazem ferida no focinho dos cães que tentam apanhal-os. Esses animais mordem com a rapidez do relampago e ainda quando parece que roçaram a pelle, observa-se que não só morderam, mas que tambem arrancaram um pedacinho de carne. E' que os seus dentes agem como laminas de navalha combinadas duas a duas.

QUE...

o uso do garfo era considerado um luxo ridiculo antigamente, sendo prohibido nos conventos.

QUE...

os leões e os tigres, embora sejam animais de uma força prodigiosa possuem pulmões tão fracos que não podem sustentar uma corrida superior a dois kilometros.

Laerte e Liette



Os interessantes gemos Laerte e Liette, filhos do sr. Elguez Loureiro e da sr. Maria, que completaram setenta e cinco annos de idade.

BRICK BRADFORD NO CENTRO DA TERRA



001
WILLIAM RITT
&
CLARENCE GRAY

ELA ESTÁ AQUI? DEVO VÊ-LA JÁ?

ESPERE, CLAUDIO. EU VOU BUSCÁ-LA.

CLAUDIO ESPERAVA ANSIOSO, SO A VOLTA DE BRICK COM DRUSILLA, SUA BEHAMADA.

NÃO NÃO DRUSILLA, QUENTE AMÁ É CLAUDIO, VOU LEVÁ-TE.

É ATI QUE AMO! SALVASTE-ME DAS GARRAS DAQUELE MONSTRO.

TRAIADOR! ERAS UM CANALHA O MELH AMIGO!

CALMA, CLAUDIO, ESTAS MAL ENTER, PRETANDO AS COISAS.

PRENDAM ESSE TRAI-DOR E LEVEM-NO PA-RA AS MINAS.

DISTO SO' A HORTI-PODERA LIVRAR-TE, ESCRAVO.

BONITA ARMADU-RA! VOU FICAR COM ELA.

PORQUE ES-TÁ TAO TRISTE?

ESTOU DOENTE E FRACO, SI NÃO TRABALHAR NÃO HE DARÃO COMIDA, HOJE RERIA DE FOME.

NAS MINAS

DESCANSE, AMIGO, FAREI O SEU TRABALHO, VOCE DIRA QUE O FEZ.

PORQUE TE SACRIFICAS POR MIM? MEREÇO EU AL-GUMA COISA?

ESQUEÇA-SE DISSO MEU AMIGO.

A SEGUIR, O SACRIFICIO

5-B3

A semente de ouro

Que linda era a casa da praia com suas janelinhas verdes e seus vasos de mangericões e cravos! Dava gosto contemplar seu horto: tomates, pimentas, melancias e um quadrado de alcachofras, outro de alecrim, girasões, violetas e um cercado de cannas da Índia...

A casinhola, situada á sombra de uma figueira, constava de duas amplas habitações; a cozinha, ennegrecida pelo fumo, com sua grande chaminé, sobre a qual se achava um modelo de bergantim, com duas reluzentes ancoras de cobre em cada lado.

A mesa, com sua toalha de quadros; nas paredes, umas pinturas com a historia dos sete filibusteiros.



No outro quarto se achava a cama de ferro pintada de branco, com cortininhas de musselina e seu redondo travesseiro perfumado com alfazema. Num canto, o violão com tres cordas apenas. E, pendurada no cabide, uma toalha de amplo encaixe.

Habitava ali o pirata Pata de Pau, com um papagaio falador e uma aprazível tartaruga. No inverno, si fazia bom tempo, Pata de Pau sahia a pescar e o papagaio ficava em casa tomando sol atraz dos vidros da janella, picoteando sementes de girasól. Si fazia mau tempo, então vinha a alcaidessa com seu marido, que viviam na aldeia, na villa dos tres pinheiros. Sentavam-se, todos, junto ao fogo. A alcaidessa tecia meias e o alcaide contava as ultimas noticias da villa; bebiam vinho doce, comiam mel e castanha que tiravam da cinza quente, e o papagaio andava daqui pra ali falando a mais não poder.

Na primavera, Perna de Pau, tinha o trabalho da horta: rastejar, semear e adubar. O papagaio coçava-se na janella, enquanto a tartaruga lhe contava, bocejando, o ridiculo sonho que tivera durante a temporada invernal.

No verão e no outomno havia muito trabalho, é verdade: puxar a agua do poço e regar completamente o horto; arrancar e recolher os xuxu's; salgar os tomates e pô-los ao sol, para seccar; logo chegava a vez dos figos; era preciso recolher os pimentões e collocal-os no azeite, além de guardar num sacco as sementes de girasól. Mas tambem eram os mezes mais lindos para os tres seres que viviam na alegre casinhola: dormir a somno solto sob a sombra da figueira e merendar melancia nas cãldas séstas... Nos dias de sol, o papagaio tomava seu banho na agua da fonte; nas noites de lua, Perna de Pau entoava a canção da Bella Goleta, acompanhando-se com o violão.

Presenteavam a alcaidessa com um cesto cheio de figos e o alcaide com a maior melancia. E, em troca, a alcaidessa mandava dois cestos de uva de sua vinha e o alcaide uma bolsa de favas de sua horta... Oh! Na casa da praia tudo corria bem!

Entretanto, eis que em um dia de primavera aconteceu passar por alli um vendedor ambulante. Tratava-se de um homenzinho pequeno, de aspecto desagradavel e olhar maligno.

— Quer comprar alguma cousa? Um par de meias? Um par de chinellos bordados? Um cachimbo de barro? Uma faca de mão? Tenho coliares de coral para a noiva! Ah! Não tem noiva? Levo tambem pós magicos para esconjurar as bruxas! Sementes para o horto... Si quer vel-as, são especialissimas. Olhe: são sementes de abobora de ouro...

O pirata, o papagaio e a tartaruga olharam com assombro, exclamando:

— Uma semente de ouro! As aboboras que seccarem de alli seriam de ouro! Dez réis por uma semente! Valia a pena!

O negocio feito.

— Para cultivar-as — disse o homenzinho — o processo é igual ao usado com qualquer outra semente: sol e agua, agua e sol.

E afastou-se satisfeito, enquanto seus olhos brilhavam perversamente.

Sol e agua, agua e sol e aquella semente teve o melhor lugar no horto, a terra mais fina, o adubo mais escolhido. Desde aquelle momento foram para ella todos os cuidados. Na casinhola da praia não se occupara mais que da semente de ouro, em toda a primavera. Nas janellas já não reverdecia o mangericão nem florescia os cravos; nem tomates nem pimentas na horta; os figos, que ninguem recolhia, seccavam-se e apodreciam na terra; os xuxu's cresciam ao deu dará... Que lastima!

de Pau, o papagaio e a tartaruga faziam mil projectos, um mais esplendido que o outro, e olhavam ao seu redor, com grande desprezo. Como era possível que tivessem vivido em uma casa assim, durante tanto tempo? Com aquella cozinha negra de fumaça, com aquelle misero leito, e com aquelle pobre horto, de onde só

Mas que importava? Da semente de ouro brotara um pennachinho verde, cheio de folhas, que crescia dia a dia, transformando-se numa formosa planta. Logo daria flores e depois seus fructos, que seriam aboboras de ouro! Que felicidade! Vendel-as-iam... e Perna



cresciam tomates, pimentas e melancias? Não viam a hora de poder dizer adeus áquella feia casinhola e áquelle pedaço de terra. Perna de Pau sonhava com montanhas todas de ouro e que chegavam até ás nuvens e que brilhavam ao sol. E quando alguem lhe perguntava: de quem são essas montanhas de ouro?, respondia orgulhosamente: unicamente minhas!

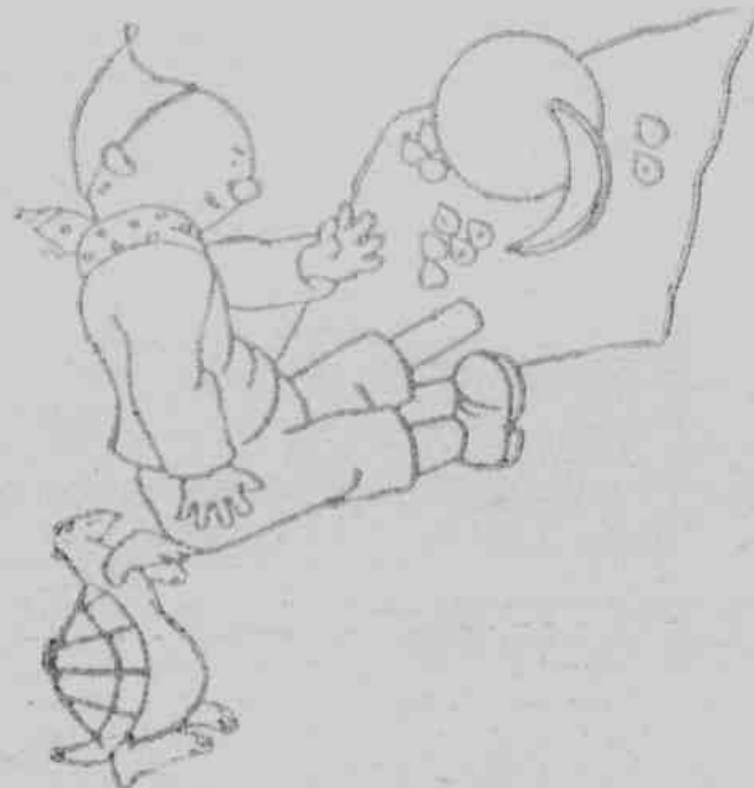
Outras vezes o sonho variava e Perna de Pau via-se em um palacio immenso, tão grande como uma cidade. As paredes era, por fóra,



de marmore verde, negro e rosa; por dentro eram de nácar, coral e marfim. Os pavimentos eram, cada um, de variadas pedras preciosas: o do salão de honra, de diamantes; o da sala-de-jantar, de rubis; o do dormitorio, de amethystas; o do jardim de inverno, de esmeraldas... Do Oriente vinham alfombras e tapetes de seda e terciopelo riquissimos, perfumes exquisitos, joias deslumbrantes, e Perna de Pau, que sempre servira a si mesmo, agora tinha tres vestidos de bruxas: um de pretinho, outro de caixeta e outro de

arabes sempre attentos aos seus menores desejos. E que vida mais folgada!... Musicas, diversões, bailes, theatros, passeios, viagens em um barco de prata e ouro que ia pelo revolto mar e nunca se afundava. Tão depressa era imperador do paiz mais vasto do mundo e tinha a todos presos á sua vontade, como era um generalissimo que vencía em todas as batalhas.

Mas quanto tardava em crescer a plantinha! Por fim deu tres botões que a pouco e pouco se incharam, se incharam... Perna de Pau não cabia em si de contente. O papagaio dava



mostras de impaciencia e até a tartaruga, sempre placida e calma, se movia de um para outro lado.

E um dia aquelles botões rebentaram... Contudo, os moradores da casinhola da praia não viram nem aboboras, nem sequer simples aboboras para pôr na sopa. Os fructos seccaram e a planta, inteirinha, tambem veiu a seccar.

E desde então, a alegre e tranquilla casinhola da praia, antes tão serena, passou a ter aspecto triste e abandono. Ouviam-se, sempre, vozes asperas e continuas disputas. O papagaio deitava as culpas a Perna de Pau.

— Sim, senhor; por ser ambicioso é que lhe está succedendo isto. E é bem feito!

— A culpa é sua — accrescentava a tartaruga, indignada — si a abobora seccou. Eu lhe disséra que puzesse muita agua e não me fez caso...

E Perna de Pau, por sua vez, culpava o papagaio e a tartaruga.

— Elles têm a culpa — lamentava-se — por não haver ficado attentos aos insectos, que sem duvida comeram a raiz...

A tartaruga resmungava, o papagaio insultava e Perna de Pau gritava ameaçadoramente que esmagaria a quantos papagaios e tartarugas se apresentassem em seu caminho. E seguiam as discussões e disputas. A tartaruga refugiava-se para chorar sob um montezinho de folhas seccas; o papagaio limitava-se a suspirar junto do sacco, ora vazio, de sementes de girasól, enquanto Perna de Pau, na cozinha, olhava com tetrico olhar os quadros da parede, com a historia do sete piratas... Até que um dia chegou um velhinho, muito velhinho, com a cabeça branca como a neve e depois de saudar Perna de Pau lhe disse:

— Por que te desesperas? Conheço tua historia, porque é a minha. A mim tambem enganou o homem da semente de ouro, mas quando soffri o desengano comprehendí meu grave erro e pensando que só no trabalho está a riqueza e a felicidade, voltei a trabalhar meu horto com mais empenho que antes, limpei-o de más ervas, sulquei-o com o arado e semei as sementes, não de ouro e nem de prata, e sim das outras, das que Deus nos manda. E desde então, como uma bençã do céo por meu arrependimento e minha volta ao trabalho, tenho meu horto que é um primor. Por que não fazes o mesmo?

Perna de Pau comprehendeu que o velho tinha razão e, baixando a cabeça, confundido, envergonhado, a si mesmo prometteu voltar ao trabalho ainda nesse dia.

E assim fez? Naturalmente! E si você forem algum dia por alli, Perna de Pau, rejuvenescido, muito contente, encantado com a vida, lhes mostrará suas pimentas, seus tomates, seus melões... os melhores do mundo!

Ao papagaio faltam algumas pennas e a tartaruga, sempre rabugenta, tem alguns caracoles maiores em seu estomago, mas todos são muito fritos e diltados.

BETTY BOOP

BY MAX FLEISCHER





O SACY

ANNO III

S. Paulo, 2 de

O ESPÍRITO DOS NOSSOS LEITORES

Desejando conhecer a veia humorística de seus leitores, o "Sacy Pererê" organizou o seu primeiro concurso semanal, que obedecerá às seguintes bases:

- 1.º — O "Sacy" publicará, semanalmente, um desenho, e, baseado sobre os motivos da figura, os candidatos enviarão as legendas.
- 2.º — De todas as legendas recebidas, a redacção do "Sacy" escolherá as tres mais interessantes e de mais espirito.
- 3.º — Aos tres primeiros collocados serão conferidos dez mil réis em dinheiro.
- 4.º — As respostas devem vir acompanhadas do coupon, collado, sem o qual não serão apuradas.

CONCURSO DO SACY
Coupon N.º 76



Aqui publicamos o 76.º concurso devendo as legendas serem encaminhadas até o dia 11 de julho.

Os concorrentes devem enviar seus trabalhos em envelope fechado, com o seguinte endereço: "Sacy Pererê" (Gazeta Infantil). — Concurso "O espirito de nossos leitores."

O CEGO NÃO É ELLE...

A duqueza d'Avilar costumava dar todos os dias esmola a um cego que estava postado em determinado sitio, tendo ao pé de si um cão. Um dia a duqueza passou, mas se esqueceu da esmola.

— Senhora duqueza! diz o cego; — então v. exa. não me soccorre com a costumeira esmolinha? Já não se lembra do pobre ceguinho?!

A fidalga, voltando atraz, deu-lhe o obulo, mas observou admirada:

— Como me conheceu você, sendo cego?!

— Perdão, senhora duqueza, o cego não sou eu... é o meu cão!

A GENEROSIDADE DA SOBRINHA

— Querida sobrinha, resolvi que entrasses desde hoje na posse de toda a minha fortuna, mas com uma condição: has de dar-me todos os mezes uma pequena quantia.

— Da melhor vontade, minha tia! Prometto-lhe mesmo conservá-la cá em casa, e levarei a minha generosidade ao ponto de lhe dar de comer!

NESSE CASO É BOM DESPERTAR O PORTEIRO

O gerente do hotel ao freguez que acaba de chegar:

— Quer que o porteiro venha acordar o senhor amanhã de manhã?

— Não, obrigado, eu acordo sempre ás seis horas certinhas.

— Então, se isso não o incommodar, não poderia ir acordar o porteiro?

NO TEMPO DA AVO' ERA MAIS FACIL...

O pequeno (mettido a falar difficile) — Está vendo, vovó, eu perfuro com um orificio o centro da menor superficie espherica desse ovo, faço outro orificio no centro da maior e aspirando provoço uma depressão que por causa da pressão atmospherica leva aos meus labios o conteúdo do ovo...

A avó (espantada) — Vejam só o que é o progresso! No meu tempo a gente fazia um furo em cada ponta e chupava!

PORQUE ESTA' ESCREVENDO VAGAROSAMENTE

No quartel um soldado escreve uma carta quando chega um companheiro.

— Não me atrapalhe! Estou escrevendo a minha noiva.

— Mas por que é que está escrevendo assim tão devagar?

— Porque ella não sabe ler depressa.

COMO NÃO LÊ NENHUM DOS JORNAES...

Um velho encontra um jornaleirinho carregado de jornaes.

— Você não fica cansado desses jornaes todos?

— Não senhor, eu não leio nenhum!

O QUE É PRECISO FAZER...

Ella — O' João, o que é preciso fazer para tirar dinheiro do monte-pio?

Elle — O que eu sempre tenho feito. Mettel-o lá primeiro.

NÃO ESPERAVA VIVER TANTO TEMPO!

Um velho de setenta annos, ouvindo a sentença que o condemnava a vinte annos, exclamou commovido.

— Oh! obrigado, senhor juiz, mil vezes obrigado. Eu não esperava viver tanto tempo.

A MELHOR ESPECIALIDADE

— Papá, eu gostava de ser especialista, mas não sei qual será melhor, se ser especialista dos ouvidos ou dos dentes.

— Acho melhor dos dentes. Cada pessoa têm 32, e orelhas tem só duas.

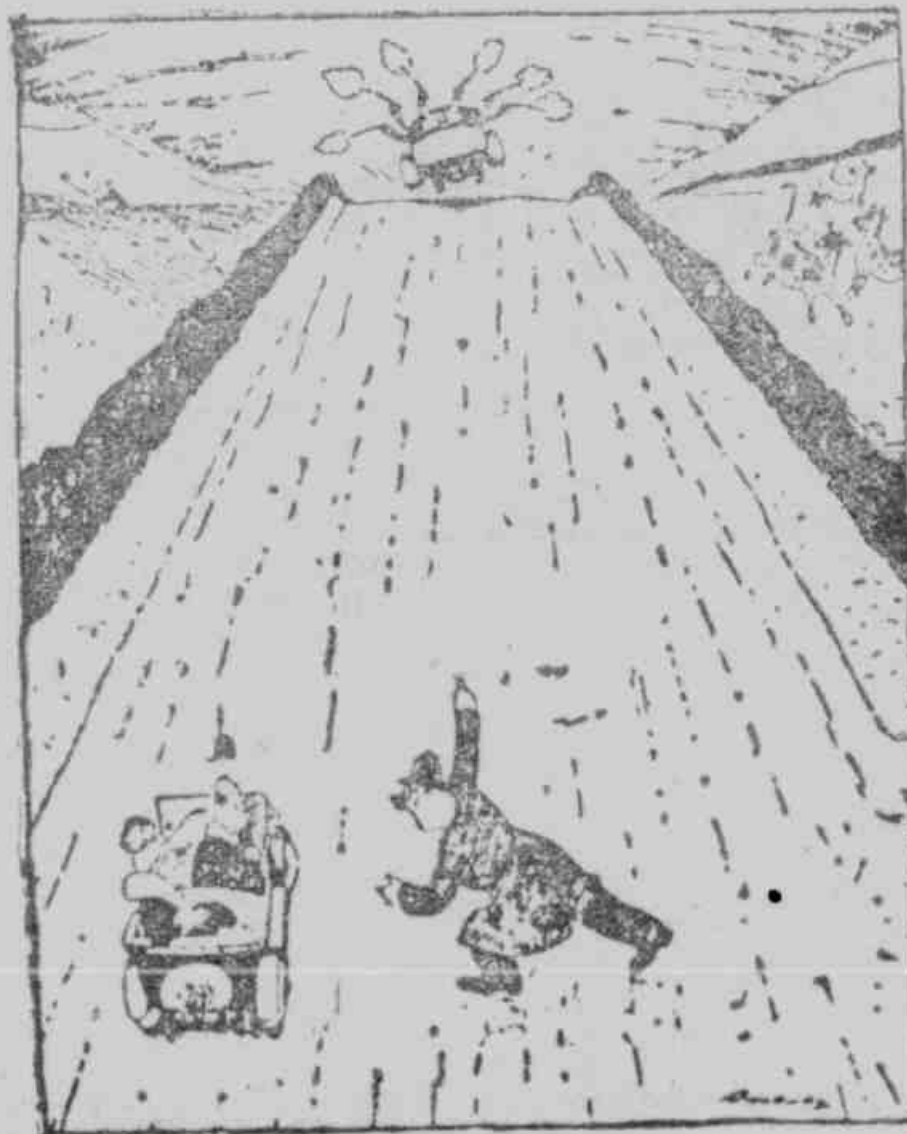
POIS FOI FEITA ALLI MESMO!

Um foragido, tendo chegado ao largo principal de uma pequena povoação, admira a belleza de uma casa allí construida.

— É' muito bonita — diz — e muito moderna. É' verdadeiramente notavel.

— Pois foi feita aqui! — respondeu-lhe, satisfeitissimo, um morador do lugar.

Optima perspectiva



— Está vendo aquelle automovel? Pois trata de seguil-o!

Mesinos! A casa que possui a maior sortimento de livros instructivos e recreativos é a

LIVRARIA LEALDABE

de ALVARO S. JORGE

Rua da Boa Vista N.º 36 — São Paulo

A arithmetica d

— Preste bem attenção, Zequinha, que fazer com seu automovel um percurso de 40 kilometros á hora, mas cada se abastecer de gazolina. Quantas vezes

— Seis vezes, no minimo.

— Mas, como?

— Elle para tambem para se ab.

— Dois homens chegam á margem de um queno barco, para atravessal-o, mas o soa de cada vez e tem que voltar a

— Como conseguirão os dois homens a tremidade a uma arvore. Um dos hon e quando d:sembarcar, o outro puxa o

— E, como voltará o barco vazi

— (Este professor é bobo mesmo) renteza arrastará o barco seguro á cord

— Zequinha. Uma unidade em vidida?

— Em quantos quizer.

— Explique isso.

— Uma casa é uma unidade. quatro quartos.

— Com quantos zeros se escreve

— Sem zero nenhum.

— Já se viu isso?

— Já vi. Eu escrevo "mil" e r

— Zequinha, você que tem a este problema. Qual é a fracção que 200?

— É' o "gasparino".

— As 4 torneiras de sua casa esvaziam 4 litros em 20 minutos. Em quantos minutos?

— Em cinco minutos.

— Por que?

— A caixa nunca enche até 100 da rua e não da caixa, a outra está en

— Zequinha. Aqui está o numero pletar 1.000?

— Faltam dois?

— Que exaggero! Será possivel?

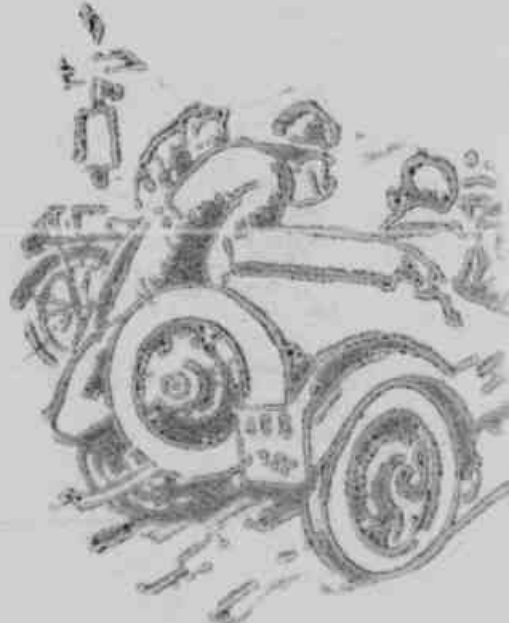
— Si eu ganhar 999 a 999 faç

— Você tem 12 annos e seu pai de seu pae, quantos annos elle teria?

— Não sei, porque seriamos irm meo pae.

M A X Y A

E de facto r



— Eu sou de opinião que, a automovel dessa maneira, não se u billtação.

— Mas eu não a tenho, "seu".



O Zéquinha

1. Seu pae é motorista e tem irso de 124 kilometros a ra-hora elle tem que parar para elle pára durante o percurso.

2. Asteccr de bebidas.

3. n de um rio onde ha um pe-barco só comporta uma pes-margem onde foi encontrado, avessar o rio?

4. barco e seguram a outra ex-ens atravessa o rio no barco bote e atravessa por sua vez. o á outra margem?

5. !). Deixam o barco e a cor-1 até á outra margem.

A EDADE É EGUAL, MAS...

O Octavinho achega-se á avó e pergunta:
— Como vae de saude, vovó?
— Mal, muito mal. O meu pé esquerdo continua, como sempre, a doer bastante.
— E' devido á idade. Isso não tem importancia.
Ao que responde a velhinha:
— Entretanto, o pé direito tem a mesma idade e não me dóe...

NÃO COMPRA PORQUE JA' TEM UM

Num armazem de antiguidades:
— Então v. exa. não me compra hoje nada? Um capacete da Idade Media... Uma lanca do seculo XII...
— Não ,não compro.
— Pois nem o craneo authentico de Napoleão?
— Já tenho um.

ONDE OBTEM OS SEUS LUCROS

Numa relojoaria:
— Quanto quer por este relogio?
— Cincoenta mil réis, o mesmo que dei por elle.
— Ora essa! Então onde obtem os seus lucros?
— Nos concertos.

CONTINUAM OS OITO...

Um espertalhão, falando com um pobre diabo muito ignorante, perguntou-lhe:
— Qual a differença entre oito e tres?
— Não sei.
— Vamos ver: se tiveres oito mil réis e eu te pedir tres, quanto te ficam?
— Oito.
— Oh! homem! pois se eu te pedi tres!
— Você pede, mas eu não dou...

COMO SABE ESTAR CALADO

Discutiam-se ha dias, numa sala elegante de S. Paulo, os meritos do sr. Neves, candidato a um cargo qualquer na diplomacia. Falando do aspirante a diplomata, disse um homem perverso:
— E' um talento! Sabe estar calado em seis linguas!

Razão preponderante



— Então não ha peixes, hein? Isso não me extranha. Eu já te disséra que ainda não principiára a época de pesca!

Aos nossos leitores

Os vencedores do concurso "O espirito de nossos leitores" devem procurar os premios dentro de uma semana. Quando assim não fizerem, perderão direito aos mesmos.

O ESPIRITO DOS NOSSOS LEITORES

RESULTADO DO 73.º CONCURSO
Foram estas as anedotas-legendas vencedoras do 73.º concurso:

- 1.ª
— Por que é que choras assim, menino?
— Choro porque encontrei dois mil réis.
— E choras por isso?
— E' que si eu entregar ao papae, mamãe me bate; e si entregar á mamãe, papae me bate; e si não entregar a nenhum delles, os dois me batem.
Arnaldo Queiroz
- 2.ª
— Por que você está chorando? Pois eu não lhe dei outro tostão, para substituir aquelle que tinha perdido?
— E', sim; mas si eu tivesse aquelle que perdi, teria dois, agora.
Maria Luiza de Lacerda



- 3.ª
— Não chore assim; eu te dou um tostão.
— Um tostão só? Eu já regeitei quinhentos réis!
Mario N. Barbosa

O EPITAPHIO QUE MANDOU PÔR NA SEPULTURA

Dou-te sinceros pezames pela morte da tua sogra.
— Muito obrigado.
— Que idade tinha ella?
— Já tinha feito noventa e cinco!... Sabes o epitaphio que lhe vou mandar pôr na lapide do jazigo?
— Diz lá.
— "Emfim!"

O BILHETE E A RESPOSTA

Um bilhete:
— "Meu caro, peço-te a fineza de me emprestares vinte mil réis".
Resposta:
— "Meu caro: li o teu bilhete aos meus mil réis, e todos se negaram. Não sei o motivo, mas desconfio que é pela certeza que têm de me não tornarem a ver."

UMA RAZÃO PREPONDERANTE

— Então, si tens agora dinheiro, porque não pagas as tuas dividas.
— Porque, se pagasse as minhas dividas, deixava de ter dinheiro.

MUITO MAIS QUE UM SONHO

Ella — Viste bem o chapéu, que te mostrei esta tarde? Dize lá a verdade, aquillo não é mesmo um sonho?
Elle — mais, mais do que um sonho, ainda. E' um verdadeiro pesadelo!...

E' A ISSO QUE CHAMA "DAR"?

Um sujeito encontrou por acaso, na rua, um amigo, e depois de um demorado prologo, explicando-lhe as innumeradas desgraças de que estava sendo victima, disse-lhe:
— Vou dar-te uma prova de confiança, pedindo-te dez mil réis.
— E a isso chamas "dar"? respondeu o outro.

POIS ELLE TAMBEM E'

O príncipe de Orange dispunha-se a desempenhar uma comissão secreta, quando um official de confiança se lhe acercou, perguntando qual ella era.
— Sois capaz de guardar um segredo?
— Sim, meu general.
— Pois também eu, respondeu-lhe o príncipe.



uma pessoa que maneja o everla dar carteira de ha-guarda!

TED O CACADOR DE FERAS



TED E O AJUDANTE
MONTADOS NO ELEFAN
TE DO REI RÃO COM
BATE AOS HOMENS-
LEOPARDOS



CHOCAM-
SE AS DIAS
FORÇAS



O MAIOR
DOS LEOPAR-
DOS AESTRA-
DOS SOLTA
FORMIDAVEL
BOTE



MAS TED
ABATE O
COM CER-
TEIRO
TIRO DE
RIFLE



OS INIMIGOS QUE NUN-
CA OUVIRAM TIRO DE
BANDA ASSUSTA-
DOS SENDO PERSEGUIDOS



O REI DOS HOMENS EL-
FANTES AGRADECE
A OBRA DE TED



MAS NUMA AU-
DACIOSA EMBOS-
CADA OS INIMI-
GOS SURPREEN-
DEM CATARINA
E RAPTA-MINA
SEM QUE ELA
DOSSA DEFENDER



FOI
POR ALI
QUE A
CARREGARAM

CONTINUA

As lições de papae

Os japonezes teem tambem proverbios e expressam suas idéas de maneira diferente da nossa



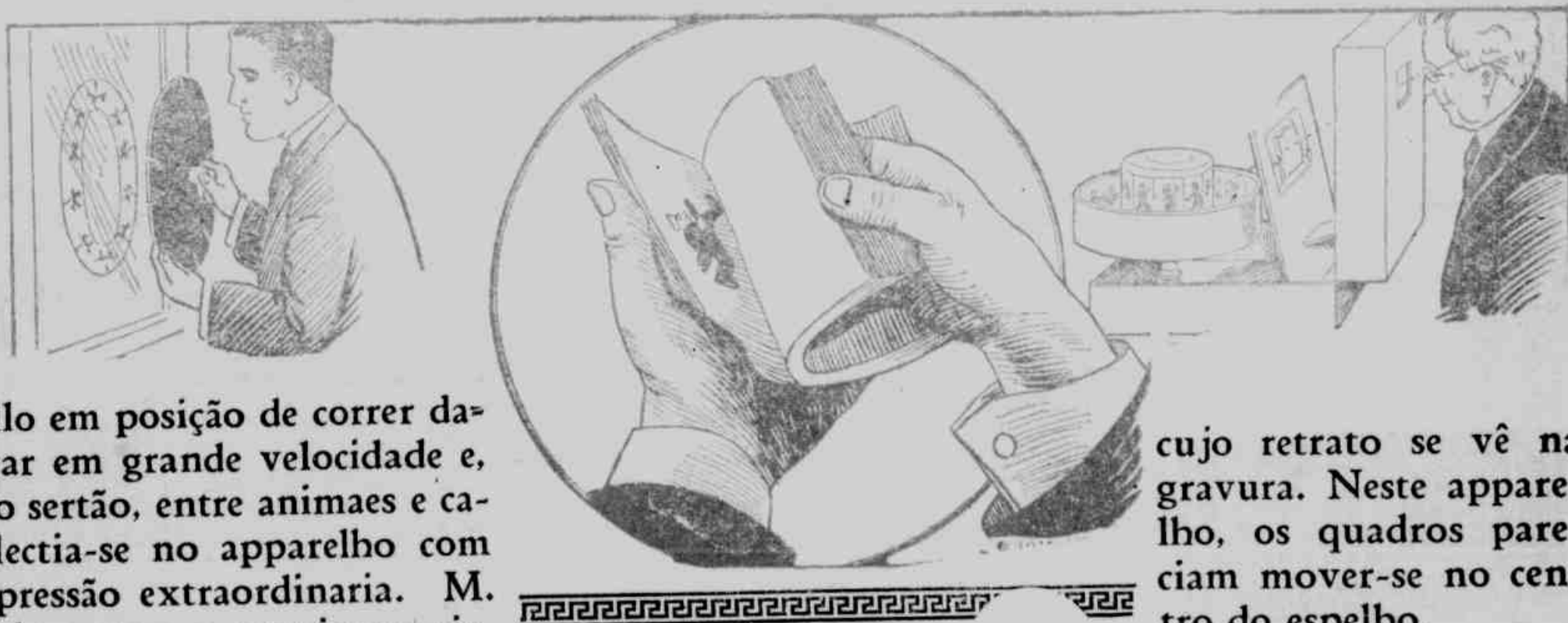
Pela semelhança dos proverbios podemos observar, como pela experiencia das edades, que os povos chegam ás mesmas conclusões.

Os japonezes dizem: elle tenta levar a agua para o seu campo de arroz", e nos dizemos a mesma cousa, falando de outra forma. Assim tambem, dizemos: "quanto mais pressa menos velocidade", e os japonezes: "quando estiver com pressa, dê uma volta". O proverbio: "evite a vista do diabo", é interpretado pelos japonezes "não pare para amarrar sua sandalia no caminho".

O belga Plateau foi o inventor de um cinema de brinquedo chamado phenakistoscopia

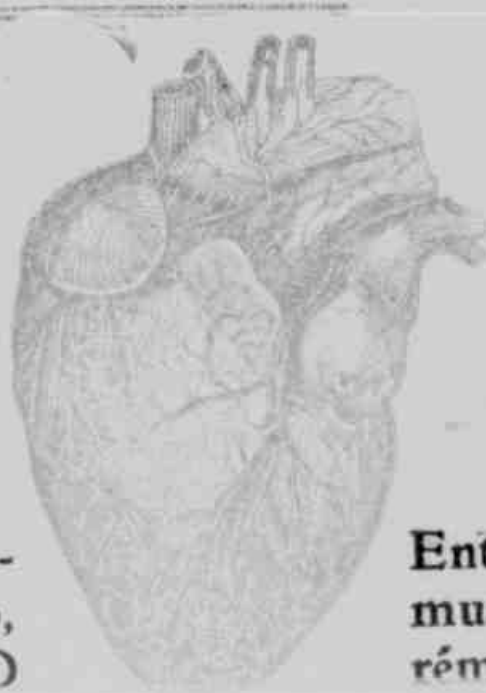
O "phenakistoscopia" era um grande disco de papelão com figuras em cada lado e que se passava deante de um espelho para reflectir os desenhos das gravuras. Assim, por exemplo,

a pintura de um cavallo em posição de correr dava a impressão de estar em grande velocidade e, ás vezes, uma scena do sertão, entre animaes e caçadores, tambem reflectia-se no aparelho com uma vivacidade e expressão extraordinaria. M. Reynaud, de França, inventou o *praxinoscopio*,



cujo retrato se vê na gravura. Neste aparelho, os quadros pareciam mover-se no centro do espelho.

O jogo da valentina é um coração que se envia para alguem



Aliás, este coração deveria ter sido inventado por um açougueiro, pois, é partido em dois pontos. O coração tem o tamanho de um pu-

Entretanto, scientificamente, o coração é apenas um musculo e só contem sangue. A crença antiga era porém, de que havia até "sangue azul", e "sangue mau", conforme a tradição ainda nos fala.

nho fechado, tal como se vê no coração dos baralhos de cartas. Assim como no passado acreditavam que a sede das emoções era o coração, ainda hoje é elle o centro de todos os sentimentos.

Laura, o Papagaio Divertido...



DAISY Bibliotheca em miniatura Odette



Daisy, galante filhinha do prof. Clementino Rebelo e da sra. d. Yolanda Rebelo, que completou tres annos no ultimo dia 28. Felicitações, embora tardias, da "GAZETINHA".

- 1 — Onde se encontra, ainda hoje, a escravidão?
- 2 — Qual é o numero de escravos que se emanciparam no mundo inteiro, durante estes ultimos dez annos?
- 3 — Quem era William Wilberforce?
- 4 — Qual é o numero approximado de escravos, presentemente?
- 5 — Qual foi o famoso tratado que incluiu clausulas para a presente situação da escravidão?
- 6 — Por que é difficil calcular o numero de escravos no mundo actual- mente?
- 7 — Quando foi a escravidão de pretos introduzida nos Estados Uni- dos?
- 8 — Quantos foram os presidentes dos Estados Unidos que guardaram escravos?
- 9 — Existiram negros livres que po- diam comprar negros antes da guer- ra civil?

RESPOSTAS

- 1 — Apesar da escravidão, numa ou mais de suas tres formas (escravo - propriedade, escravo - mercadoria, escravo - aprisionado) ser achada em quinze areas geographicas (de accord- do com a reportagem tecnica da comissão da escravidão), as regiões mais assignaladas são a China, An- gola, Arabia e Africa.
- 2 — Uns 465.000. Este numero in- clue os que foram libertados em Tan- ganyika, Serra Leoa, Burma e Ne- pal.
- 3 — Um inglez nascido em 1759 que entregou sua vida partindo de 1786, á abolição dos escravos e do seu commercio. Conseguiu cumprir a abolição legal dos negros no Imperio Britânico em 1833, e assim li- vrou mais de 700.000 captivos. Wil-

- berforce morreu uns dias antes do Acto do Parlamento que aboliu a es- cravidão em todas as suas formas. O centenário de sua morte e da aboli- ção dos escravos foi grandemente ce- lebrado na Inglaterra, em 1933.
- 4 — Mais de 5.000.000. Um nume- ro bem maior que os totaes combina- dos livrados por Abraham Lincoln e Wilberforce.
 - 5 — O tratado de Versalhes. Este documento é o que deu inicio ao pri- meiro esforço internacional para abo- lir a escravidão. A Liga das Nações tem uma secção especial de escrava- tura...
 - 6 — Porque o territorio occupado pelo elemento servil não tem uma apreciação de população. Na China unicamente uma estimación indica 2.000.000 mais ou menos.
 - 7 — Em agosto de 1619, quando um navio hollandez, soltou mais de 20 em Jamestown. Não eram ao prin- cipio chamados escravos, mas serventes contractados para um numero certo de annos; mas a sua chegada foi de facto o começo da escravidão nos Es- tados Unidos.
 - 8 — Dez possuiram escravos. Fo- ram Washington, Jefferson, Madison, Monroe, Jackson, Tyler, Polk, Taylor, Johnson e Grant. Os oito primeiros eram no verdadeiro sentido; Johnson só tinha alguns serventes e jámais os vendeu. Grant igualmente.
 - 9 — Sim. Milhões os possuiram, mas para fins philantropicos. Maridos compravam suas mulheres, e paes seus filhos, para livral-os da escravidão. Virginia tinha leis severas a res- peito dos escravos emancipados, e de- pois de 1833 nenhum negro podia ad- quirir outros além por descendencia. Os que procuram seradmirados, e os que se orgulham de serem livres, são os que se orgulham de serem livres.



Odette, filhinha do casal Pascoal e Alice Curto.

PRECISAM LICENÇA

Sr. Hubert Huppay, governador da Pa- puasia, resolveu que os nativos devem pe- dir licença para andar vestidos.

A "Gazeta Infantil" é o organ das creanças de S.

Paulo

— E's demasiado tonto para pensar que pudesse eu fazer semelhante cousa — respondeu Chang. — Por que haveria de dizel-o?

— Porque eu me tenho portado muito mal para comtigo, Chang — disse-lhe Moole. — Deveria estar envergonhado de mim mesmo, e estou. Essa é a verdade. Nunca acreditei que pudesses ser como és. Não creio que haja outro rapaz na escola, que seja capaz de fazer frente a perigos como os que enfrentaste para me salvar a vida. Eu não mereço essa acção de tua parte, mas isto me servirá de lição.

— Não tens que falar disto — respondeu Chang — mas si estás prompto, é conveniente que nos ponhamos em marcha, porque não desejo que regressem esses bandidos e me encontrem aqui. Eu irei á frente, mas não faças o menor barulho ao caminhar. Antes de nos pormos a caminho, escreve o nome e a direcção de teu pae, e eu me encarregarei de fazer-lhe saber que estás a salvo de qualquer perigo. E' deve ter conhecimento disto logo, pois, ao contrario, poderia pagar o resgate aos agentes desses bandidos.

Chang entregou-lhe o seu caderno de apontamentos e um lapis. Moole escreveu a direcção e logo ambos se puzeram em marcha. Descendo pela passagem subterranea uns cincoenta metros mais e se encontraram em frente ao mar, que estava quasi ao nível do tunnel, cuja entrada era lambida pelas ondas.

— Devem ter fugido de bote — disse Chang — a menos que hajam nadado, mas não creio que tenham feito isso. Esperaram certamente que a maré baixasse.

Sabes nadar?

— Não sei nadar nem uma braçada — murmurou Moole, entristecido. — Estamos perdidos!

— Pi! pi! pi! — Com que facilidade te desanimas — disse-lhe Chang. — Não obstante, devias ter apprendido a nadar;

Chang decidiu-se a descer; mas para levar a cabo essa idéa, era-lhe necessario accender a lanterna electrica, pois alguns degraus haviam cahido, e enquanto Chang olhava para cima, se maravilhava de que pessoa alguma houvesse podido subir por alli.

Não obstante, o pequeno chinez decidiu-se a levar a effeito a tentativa.

Os degraus se elevavam em torno da torre quadrada, na qual havia muitos pisos, alguns desmoronados por effeito do tempo.

Cada um dos degraus de pedra que formavam a escada, estava embutido na parede, mas alguns delles offereciam grande perigo. Outros haviam já cahido, de sorte que em alguns a escada não tinha, na realidade, apoio algum, salvo o que lhe proporcionava a parede externa, parecendo que toda ella estivesse na eminencia de vir abaixo.

Em varios pontos Chang se viu obrigado a saltar os grandes espaços sem degraus, por haver cahido, sem saber si o degrau onde ia pisar teria sufficiente resistencia para sustentar o peso de seu corpo, posto que alguns se achassem separados da parede e se abalasssem ao se apoiar sobre elles.

O varandim externo, que noutros tempos havia servido de corrimão para esses mesmos degraus, havia já muito tempo que tinha desaparecido, carcomido pela ferrugem. Naquelle momento Chang se achava a tal altura, que uma queda ser-lhe-ia de fataes consequencias, as taboas apodrecidas dos diversos pisos não poderiam resistir, sob nenhum ponto de vista, á queda de um corpo. Por outro lado, alguns desses andaes não tinham siquer soa!

— Oh! não pagará tanto! — exclamou Moole!
— disse o homem.
— Então a questão está em se lhe existirá cincoenta mil libras muito rico o papae.
— Deve conhecê-la — respondeu Moole — pois todas as semanas lhe escrevo pedindo dinheiro e elle sempre m'o envia. E' tra?
— Nada tenho que dizer contra a sua palavra de honra, nem tão pouco contra o seu pae. Mas não percebe você que nós preferimos o dinheiro a todas as honras do mundo? Aqui tem um pedaço de papel e uma caneta-tinteiro. Você deve explicar a situação em que se encontra, pedindo a seu pae que lhe mande o dinheiro em notas de dez libras. Supponho que conhecera a sua letra?
— Libes dou minha palavra de honra que o terço — declarou Moole.
— Não é verdade?
— E envia-la o dinheiro por intermedio da poiteira, o mascarado. — Já já já! — Isso que seria muito bom! — exclamou Moole.
— Sim! Estou certo de que o fará — respondeu Moole. — Libras pelo seu resgate.
— De que nos serve tudo isso, jovem tonto? — exclamou o malleitor. — A questão é saber si seu pae nos pagará dez mil libras pelo seu resgate.
— Meu pae lhes pagará qualquer somma que vocês lhe exigirem e o prisioneiro lhe responderia com voz atemorizada.
— Um delles apontava o seu revolver a Moole, que se achava deitado, com as mãos e pés atados. O outro homem lhe fazia perguntas e o prisioneiro lhe respondia com voz atemorizada.
— Hoje, não se dispunha a fazer uso da lanterna, e foi uma sorte para elle, pois logo chegou a uma pequena caverna em que se achavam sentados dois homens mascarados.

Chang apagou sua lanterna e avançou rapido pela passagem, pois sabia que os malleitores, si o descobrissem, não iriam ter a menor contemplação para com elle.
A passagem subterranea tinha um pronunciado declive e era tão desigual que o chinez experimentava innumeradas dificuldades para proseguir seu caminho na escuridão.
Era o unico meio que lhe restava para subir da torre, e, si se decidia a examinar a passagem.
Podavia, era possível que houvesse uma saída, e ainda que lhe parecesse que por essa direcção iria dar com os raptos, se decidia a examinar a passagem.
Chang desceu por ella até a parte inferior da torre, mas não sahira pelas paredes. Não obstante, havia uma pequena passagem subterranea que atravessava as rochas, e Chang concluiu que ella deveria conduzir ao pé dos promotores que se extendiam pela praia, pois a torre se achava relativamente perto delles.
O mysterio estava, pois, esclarecido; pelo interior descia uma escada de ferro em perfeito estado de conservação.
Chang desceu por ella até a parte inferior da torre, mas não sahira pelas paredes. Não obstante, havia uma pequena passagem subterranea que atravessava as rochas, e Chang concluiu que ella deveria conduzir ao pé dos promotores que se extendiam pela praia, pois a torre se achava relativamente perto delles.
Começou sua investigação pela estufa, encontrando uma porta de bem pouco tempo.
Outros aposentos deve haver também chaminés. Isso veremos dentro dos muros. Talvez por dentro da chaminé, posto que nos botões. — E' possível que exista uma passagem secreta por ali.
— Devem ter empregado outro meio — pensou com os seus tel-os a vista.
Facilmente por meio de uma corda, mas também, a ser assim, Chang comprehendera que um homem poderia ter descido

O que mais temia Chang era que um dos malfetores, que se encontravam no andar de cima, abrisse fogo contra elle, pois não havia duvida de que lhes seria muito facil fazer pontaria, devido levar elle a lanterna acesa.

O piso do andar superior se achava completamente intacto, porém Chang havia chegado a um ponto em que lhe faltavam varios degraus; poz-se então a contemplar o espaço livre, completamente maravilhado, pois lhe parecia impossivel que um ser humano houvesse podido arriscar-se a atravessal-o sem um imminente perigo de vida.

O degrau sobre que devia se apoiar estava inclinado em um angulo tão agudo que lhe pareceu que, ainda no caso de poder chegar até elle, tinha forçosamente que resvalar, dado o grau de inclinação que apresentava.

Tinha por força que arriscar o salto, mas não obstante ser arrojado, titubeava ante os riscos da empresa.

— O detective o faria — pensava de si para si o chinês — eu lhe prometti não ter nunca a menor parcella de medo, e agora estou tremendo...

Um ruido se fez ouvir debaixo delle, e allumiando com a lanterna que levava, pôde ver que alguns dos degraus que havia transposto desmoronavam com grande estrepito, quebrando, sua queda as taboas pôdres dos pisos e tornando, assim, impossivel a descida.

— Encontro-me numa situação bastante perigosa — murmurou Chang. — E não sei como irão para descer os homens que se acham lá em cima; mas agora tenho que subir, pois nunca poderia chegar lá em baixo, a menos que resolva dar um grande salto, e esse salto, por muita sorte que tivesse, me conduziria a uma morte certa.

Não hesitava entre receio que dar um salto para cima, ainda que não tivesse a menor segurança de que atravessaria o espaço que o separava do degrau seguinte.

Alumiando com a sua lanterna o degrau em que devia pór o pé, agachou-se, saltou com todas as suas forças e alcançou o degrau immediato.

Era uma proeza que muito poucos rapazes de sua idade haviam podido levar a cabo, mas que, todavia elle conseguia.

Os degraus restantes não lhe offereceram maiores difficuldades, podendo chegar ao topo com relativa facilidade; mas, ao abrir a porta que havia em cima, deixou escapar uma exclamação de surpresa.

A pequena camara que se encontrava na parte superior da torre, achava-se completamente vazia.

Chang sabia, apesar de tudo, que o crito de socorro ouvido havia partido da dita camara. Era impossivel equivocarse. Por outro lado, ninguém houvera podido descer as escadas antes de chegar em cima; disse também se achava elle perfeitamente seguro.

Permaneceu algum tempo contemplando o aposento com expressão de assombro em seus olhos, mas, recompondo-se, pouco depois, iniciava uma inspeção do local.

Descobriu no assoalho varios phosphoros queimados, e também cinsa de fumo, provavelmente de algum chimbo.

Não havia moveis de nenhuma especie no aposento; tão somente uma chaminé, com signaes de ter estado acceso recentemente.

A camara quadrada tinha janelas em todos os lados, em bora com os vidros quebrados já ha muito tempo pelas tormentas, havendo, num dos flancos, ampla clarabóia.

Chang estava resolvido a não se arriscar inutilmente. Era muito possivel que os dois bandidos estivessem esperando para escutar si o seu indefeso prisioneiro gritava, pedindo auxilio. O pequeno chinês deixou passar cerca de uns dez minutos, antes de accender a lanterna electrica para entrar na pequena caverna.

— Tudo vae perfeitamente, amigo — exclamou, approximando-se de Moole e tirando-lhe as ligaduras das mãos. — Um rapaz veiu salvá-o!

— Ah, Chang! Nunca esquecerei o que fizeres por mim — exclamou Moole. — Vou dizer a meu pae que te dê muito dinheiro.

— Não é preciso que te preocupes com isso — respondeu Chang — porque não o accitaria. Eu supponho que do mesmo modo me salvarias, si eu estivesse no teu lugar, pois não?

— Não sei — respondeu Moole, inclinando a cabeça emquanto as lagrimas inundavam seus olhos. — Parece-me que me teria faltado a coragem necessaria, Chang. Tu és muito bom e valente. Arriscaste a vida por mim. Eu não saberia o que fazer para salvar-te, e na realidade não sei como explicar, como pudeste chegar até aqui para me prestar tão grande auxilio. Certamente que te arriscaste muito. Eu supponho que me castigarão, si me escapou, mas que hei de fazer? A meus paes pouco lhe importará, comtanto que eu seja salvo. Achas que poderemos nos salvar?

— Isso é muito facil — respondeu o pequeno chinês, movendo a mão de um lado para outro, costume que tinha, quando lhe parecia ter resolvido uma difficuldade. — Sahiremos pelo mesmo caminho que elles seguiram, depois voltaremos á escola e entraremos sem que nos vejam. E não te castigarão, porque ninguem o saberá, a menos que tu' o digas.

— Queres dizer que isso não será referido nem aos professores, nem aos alumnos. Chang? — exclamou Moole, surprehendido.

— Sim, admitimos que voce nao os sabe — recordou-se e delinquente — deixal-o-emos por 10 mil libras. Agora, a cousa é saber si deveremos mandar-lhe tambem uma de suas orilhas para demonstrar-lhe que estamos apurados.

— Não terei a menor difficuldade em convence-lo disso! — murmurou Moole.

— Muito bem — respondeu o malfetor. — Diga-lhe na carta o que vamos fazer. Eu terei o que voce escrever, mas asseguro-lhe que não nos molestará. A unica cousa que desejamos é conseguir o dinheiro.

Deixaram-lhe as mãos em liberdade, e elle escreveu logo a carta, que pareceu satisfazer plenamente aos bandidos.

— Agora, ponha-se firme jovem — exclamou o bandido que lhe deu o papel. Vamos lhe deixar só um instante, mas viremos, de quando em quando, para lhe dar alimento, e assim o conservaremos aqui até que seu pae nos pague. Si o fizer, nenhum dano lhe causaremos. Muito bem; quando regressarmos, que pôde ser a qualquer momento, si ouvirmos que voce faz o menor ruido, The cortaremos a orilha, além de a termos prompta para seu pae, em caso de necessidade.

— Não farei ruido algum — fremeu Moole. — Juro-lhes que não o farei.

— Seria voce muito tolo si o fizesse — respondeu o bandido. — Vamos, companheiro.

Chang olhava attentamente; não sabia por que lado sahiria; mas si voltassem pelo tunnel era inevitavel que o descobriam. Vin logo, porém, e com grande allivio, que se encaminhavam para a direcção opposta, afastando-se no meio da mais completa escuridão, enquanto o prisioneiro, aterrorizado, se conservava silencioso. O medo de que os delinquentes pudessem regressar para levar a cabo sua terrivel ameaça o impedia de fazer o menor ruido.

ARCA DE NOÉ

OS MIL E UM CONTOS DO SR. VIGARIO

Tocada que seja, não voará tanto, que se veja obrigada a presenciar tantos horrores quanto eu!

Mas, não! Dorme quieta e socegada; ninguém se lembra della, ninguém a maliz, ninguém lhe bate a porta ou a janella á cara — ninguém foge della como foge de mim, quando estou irado — ella não se toma de sentimento algum, é sempre a mesma e ninguém a aborrece!

Vêja-se: nem sequer respira... Quanto mais manifestar sympathia ou antipathia; agrado ou desagrado — com o que acontece pela face da terra...

Este theor de queixa do vento e aquella suspirosa manifestação de inveja da pedra os entendeu um magico, que consultava as estrellas, conversava com os elementos e palestrava com os passarinhos.

E o magico só não sabia fazer-se entender dos brutos elementos. Quando não, ter-lhes-ia dito: "Pena é que não vos possaes entender reciprocamente! Pedra: o vento tem inveja de tua sinal! Vento: a pedra suspira pela felicidade da qual te julga senhor! Si vós falasséis reciprocamente, haviéis de en-

tender-vos... Nem sabeis que vos invejaes reciprocamente!...

Mas é verdade que entre os homens, que se entendem, ha dessas invejas descebidas; e eu não posso censurar-vos.

Os homens são, no que toca á attenção devida aos sabios, tão desintelligentes quanto vós, séres inanimados! Elles não ouvem e não comprehendem o alcance das palavras que o philosopho lhes diz! Quando assim fóra, eu lhes mandára ouvir a ti oh pedra e a ti, oh vento, para se convencerem de que elles não podem invejar-se e não devem — como alguns fazem — invejar-vos!...

O homem que inveja ao outro é como a pedra que inveja ao vento ou como o vento que inveja á pedra. E o homem que inveja á pedra, ou o vento, porque nada vê e nada sente e tudo vê e de tudo gosa — é um estúpido, simplesmente. O homem não entende a pedra, não entende o vento; mas pôde ter a insensibilidade de uma e a omnipresença do outro. O homem pôde ser surdo e cego quando lhe convém e é preciso; e pôde tudo ver e tudo sentir como sempre ambiciona.

Nenhuma creatura pôde invejar outra creatura — porque tudo está bem feito e feito com justiça, em a natureza!"

(Continua)

Haroldo Claira.

POBREZINHO

Numa destas tardes outomnaes, que mais se assemelham ás primaveris, uma creança aproximou-se de minha casa. Depois, acompanhando-a com os olhos, a vi bater noutro portão e de lá partir sem, ao menos, ter recebido um sorriso indulgente.

Puz-me, então, a pensar. Será que aquellas pessoas não eram christãs e desconheciam por completo a caridade, uma das virtudes mais agradaveis a Deus? Por que deixarmos partir o pobre que recalcou seu amor proprio, para ir bater ás portas, mendigando um allivio para a sua miseria? Não temos no momento um nickel, dêmos um naco de pão com que possamos mitigar a fome, ou então, uma palavra amavel, uma caricia ou um sorriso, que ao pobre terá maior valor do que a pequenina moeda. Si não devemos negar um obulo ao velho, quanto mais a uma creança, que é a preferida de Nosso Senhor?! Ella é ainda o botão a desabrochar, e já se encontra á beira do precipicio dos vicios; ella, que talvez não tem os conselhos sabios de paes carinhosos, ou um braço protector em que se apotar, livrando-se das maldades que a cada passo tem que enfrentar na vida...

Caricoca.

O TRABALHO (A' minha prima Nena)

O trabalho, tanto intellectual como manual, é util e nobre. E' trabalhando com as proprias mãos, que os homens cultivam a terra, abrem estradas, constróem casas, fundam cidades, tecem o panno e fazem, enfim, mil coisas mais. Ao trabalho manual vem em soccorro o intellectual. Homens intelligentes inventam machinas, que permittem ao operario laborioso menos esforço e mais proveito. São os escriptores que, com seus bellos livros, nos fazem esquecer, por momentos, com sua leitura, as amarguras da vida. Enfim, é impossivel dizer qual dessas duas especies de trabalho é mais util á humanidade. O que seria de nós si não cultivassem a terra? Como nos alimentaríamos?

Sem os cultivadores, morreríamos de fome. E os tecelões, que fazem o panno com que as costureiras e os alfaiates fazem a nossa vestimenta; os chapeleiros, sapateiros, todos, são uteis á humanidade. Sem os que trabalham em pedra, madeira e ferro, não teríamos casa; e todos precisamos de abrigo. Mas, é parte do trabalho manual, precisamos do intellectual, pois os homens que trabalham com o pensamento quantos beneficios prestam ao mundo!

Quanto vale um Edison, um Marconi, um Fagundes Varella, um Castro Alves e quantos outros! Os grandes compositores, que nos deliciam com suas musicas immortaes, como Chopin, Paganini e outros. O trabalho é nosso moralizador e nosso benefeitor. E' nosso moralizador, porque cultiva nosso espirito e purifica a alma; é nosso benefeitor porque nos alenta e nos faz esquecer nossas penas. Aquelle que não trabalha é mal visto por todos. O ocioso é um embaraço para a sociedade, e a si se deshonra.

A CARIDADE

De todas as virtudes que Deus poz no coração dos homens, nem uma é como a Caridade.

Vem de tempos remotos a pratica de tão bello sentimento, tão cheio de unção.

Jesus, quando andou pela terra, já prégava e praticava tão bella acção.

Prégava sim, porque em todos os seus santos Evangelhos tiravam-se como conclusão: Amor ao proximo, isto é, a Caridade.

Praticava, tambem, porque para Elle não havia differença de pessoas, castas ou sociedade; em todas as pessoas

Elle só via seus irmãos, isto é, filhos de Deus.

E' tão facil exercer a Caridade; praticar tão sublime virtude! Ser piedoso para os que soffrem. Repartir o pão aos que têm fome; Consolar os que choram, e tantas coisas mais que, para nós, parece "nada", mas para Deus é tudo, e que por ellas nós recebemos as maiores bençãos do céu.

Sejamos sempre caridosos; a Caridade traz consigo tambem a recompensa para os que a praticam, e muitas vezes nos traz um bem maior do que aquella que caridosamente fizemos.

Sylma.

Helle Alves, com 8 annos declama seus proprios versos

Com oito annos apenas, Helle Alves já faz versos modernos. E' pequena de uma precocidade espantosa. Vae á redacção dos jornaes, dá entrevistas, procura os



litteratos, lê os seus versos, e declama-os com uma desenvoltura verdadeiramente desconcertante numa menina de sua idade. Mas Helle Alves tem por quem puxar — seu pae, muito cedo roubado á vida, era o poeta Heltor Alves, que deixou alguns interessantes livros de versos. Helle, cujo retratinho aqui vae, com um ar expressivo de quem está invocando as musas, veiu trazer-nos um de seus ultimos poemas que abaixo reproduzimos:

MINHA CLASSE

Trrrrriim!...

Onse horas

E o coraçãozinho palpitaute do 3.º anno entra em forma.

"Ouviram do Ipiranga"...

Cantamos o hymno,

Iniciamos a aula,

Leitura...

Geographia...

Historia...

Trrrrriim!...

Todos de pé

o director,

Trrrrriim!...

sentamos e continuamos.

Linguagem...

Arithmetica...

Isso é commigo, nasci para mathematica.

E a nota? Ha de ser dez com certeza.

E a professora é batuta

para ensinar a gente.

Quando eu nascer, professora

quei... (The text is partially cut off)

Nho Totico e suas travessas creações



Não ha uma só creança (e velhos mesmos...) que não conheça os endiabrados Chiquinho, Chicóte e Chicórea, os travessos que tantas horas agradaveis nos têm proporcionado, arrancando-nos gostosas gargalhadas óra pelas paginas da "GAZETINHA", óra através do microphone da "Record". Pois o seu creador é Nho Totico, que aqui apresentamos. E' o "caixa d'oculos" que se vê ao alto, sorrindo para vocês. Em baixo,

Chiquinho, Chicóte e Chicórea.

O COMMENTARIO DO PAPAGAIO

Mães:

PROTEJEI OS
DELICADOS PULMÕES
DE VOSSOS
FILHINHOS.

Xarope das creanças

cura e previne quaesquer
tosses infantis.

Em todas as boas pharmacias,
Drogarias e na

Drogaria "Americana"

da Elektra S/A.

Rua São Bento, 63

Ha em Nova York um critico, o sr. George Nathan, que tem um numero quasi incrível de inimigos. Esses inimigos estão agora gosando extraordinariamente, com o commentario que fez um papagaio, depois que, arrazando o theatro de nossos dias, o famoso critico se expandia impiedosamente.

Ha pouco tempo, passou-se a scena. O critico almoçava em companhia de algumas senhoras e cavalheiros, em um restaurante da Quinta Avenida.

Achava-se presente um papagaio falador, que, por signal, estava calado, nas vizinhanças da mesa do agape.

George Nathan commentava tudo irreverentemente: artistas, escriptores, empresarios, publico. Afinal, chegou a hora de se retirar. Virou o licor que estava no calice, despediu-se de todos e partiu.

Nesse momento, o papagaio despertava de um longo somno. E, sem sequer imaginar o que alli se estava passando, mas apenas vendo o critico atravessar a porta do restaurante e galgar a rua, falou:

Eu! Eu! Eu! (The text is partially cut off)

Pão Duro advogado

DESENHOS de MESSIAS

VERSOS de PAPA' NOE'



NA CELLA, DIZ O PAO DURO
QUE E' ADVOGADO DO RE'O:
— "VOCE ROUBA POR DOENÇA?"
— "EU TENHO NA VISTA UM VE'O
DE REPENTE, VOU ANDANDO
E VOU SUBINDO PRO CE'O..."



— "EIL-O, SENHORES JURADOS!
OLHAE-O COM COMPAIXAO!
TEM NAS FACES O PRENUNCIO
DE UMA SANTIFICACAO!
E' UM SOFFREDOR... UM DOENTE...
NUNCA JAMAIS UM LADRAO!"



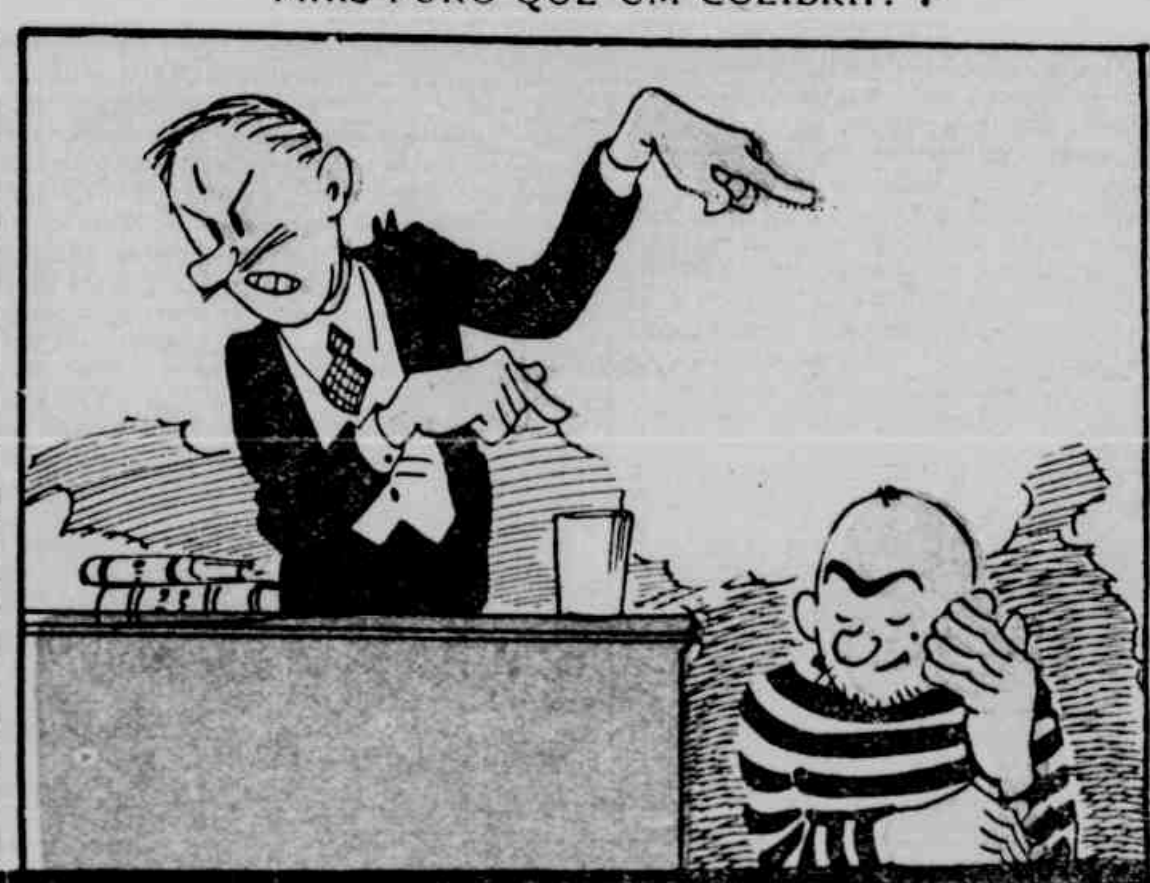
HORAS DEPOIS, JA' LIBERTO,
NA PORTA DO TRIBUNAL:
— "DOUTOR, ESTOU COMMOVIDO...
VOU "TRABALHAR", AFINAL..."
— "TENHA JUIZO, MENINO,
E NADA DE FAZER MAL"...."



NO MESMO INSTANTE, PAO DURO
PROCURA A PASTA. — "TITI,
O MISERAVEL ROUBOU-A!
INDA AGORA A TINHA AQUI!
E EU QUE O CHAMEI DE SANTO,
MAIS PURO QUE UM COLIBRII..."



— "LARGUE A PASTA, SEU PATIFE!
E TOQUE PARA O XADREZ!
A SUA CLEPTOMANIA
VAE SE CURAR DE UMA VEZ...
COM UMAS DUCHAS DE AGUA FRIA
FICAS CURADO NUM MEZI!"



— "EIL-O, SENHORES JURADOS!
OLHAE-O SEM COMPAIXAO!
HA NESSAS FACES O ESTIGMA
DO MAIS TERRIVEL LADRAO!
DAE-LHE CEM ANOS DE PENA
NAS GRADES DA DETENCAO!"